



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Teste do desencadeamento oral na alergia à proteína do leite de vaca: resultados sistemáticos preliminares de centro de referência do sul do Brasil
<b>Autor</b>	BIBIANA E SILVA GUZENSKI
<b>Orientador</b>	HELENA AYAKO SUENO GOLDANI

Teste do desencadeamento oral na alergia à proteína do leite de vaca: resultados sistemáticos preliminares de centro de referência do sul do Brasil

Autor: Bibiana e Silva Guzenski

Orientador: Helena Ayako Sueno Goldani

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Objetivos: No Brasil observa-se uma dificuldade para a dispensação racional de fórmulas especiais pelas entidades governamentais para pacientes com alergia a proteína do leite de vaca (APLV). O objetivo do estudo foi avaliar o impacto da sistematização do teste de desencadeamento oral (TDO) em crianças com APLV em ambiente de hospital público universitário.

Métodos: Estudo retrospectivo de pacientes acompanhados em ambulatório de Gastroenterologia Pediátrica com diagnóstico clínico de APLV em dieta de exclusão de proteína do leite de vaca por tempo superior a doze semanas submetidos ao TDO, entre novembro/2013 a março/2015. O TDO era realizado em ambiente seguro no Centro de Pronto Diagnóstico Ambulatorial (CPDA) de acordo com os padrões internacionais (Espghan, 2012). Os pacientes foram avaliados no momento do teste (T0), 7 dias (T1) e 30 dias (T3) após o teste.

Resultados: No período estudado foram realizados 67 testes de TDO em 51 pacientes. A mediana de idade dos pacientes no momento de realização do teste foi de 29 meses (percentil 25-75: 17-38). Mediana de idade ao diagnóstico de APLV foi de 4 meses (percentil 25-75: 2-8,5) e 53% possuíam este diagnóstico prévio ao encaminhamento. As manifestações clínicas de APLV eram diarreia (58,8%), vômitos (47%), hematoquezia (19,6%), baixo ganho ponderal (17,6%), dermatite atópica (15,7%), urticária (11,7%), distensão abdominal (9,8%), edema em face (7,8%), tosse (7,8%), dor abdominal (5,8%), broncoespasmo (3,9%), estridor (3,9%) e constipação (3,9%). No momento do teste, 46% dos pacientes estava em uso de fórmula de soja, 44% com fórmula extensamente hidrolisada e 11% com fórmula de aminoácidos. O teste foi positivo em 41,2% dos pacientes, 21,5% em T0, 11,7% em T1 e 9,8% em T3; destes, 52,3% apresentaram manifestação semelhante ao diagnóstico. Dos pacientes com teste negativo em T0, o teste foi completo até T3 em 65% dos pacientes, sendo a dieta livre orientada após T0. O teste foi negativo nos três momentos em 39,2% dos pacientes. Naqueles com peso descrito em T0 e T2, a mediana de ganho de peso foi de 0,615 kg (percentil 25-75: 0,16- 0,802).

Conclusão: Houve prevalência de 58,8% de testes negativos na amostra estudada, provavelmente por desenvolvimento de tolerância à proteína do leite de vaca. O TDO sistematizado de rotina pode auxiliar sobremaneira nas políticas públicas visando a dispensação racional de fórmulas especiais pelo Estado.